

TETRIS-19: QUAL TEORIA PODEMOS “ENCAIXAR”? ¹

Ricardo Afonso-Rocha²

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para não, não para
Cazuza

Desde que a OMS declarou que vivenciamos uma pandemia, decorrente do alastramento global do novo coronavírus (COVID-19), assistimos a uma verdadeira explosão discursiva (teórico-analítica) sobre esse catastrófico fato, inevitavelmente tratado como evento. De filósofos à linguistas, passando por historiadores, médicos, políticos, ativistas, parece-me que todos, alguns mais que outros, têm algo importante a falar sobre a situação. É preciso dizer a verdade do vírus?

Alguns apresentam diagnósticos, analisam o evento com os pés fincados no chão; outros, sejam pessimistas ou otimistas, fazem previsões. Como sábios, enxergam mais longe, sabem mais que os demais. É como se usassem um daqueles binóculos futuristas que vemos em filmes de agentes especiais, 007 é um bom exemplo ilustrativo. E nós, “não-intelectuais”, devemos confiar nessas leituras, afinal carregam o peso da unidade, autoridade, coerência e não-contradição de um projeto consistente de autoria. Em nome do pai, aceitamos o messianismo acadêmico...

Num primeiro momento, incomodava-me apenas essa última atitude. Já não mais queria ler análises sobre como seria depois da pandemia. Como estaríamos mais domesticados, uma vez que a quarentena expressaria o ponto mais condensado de controle social pelo qual passamos nos últimos três séculos ou, pelo contrário, como a pandemia iria dismantelar o perverso sistema neoliberal expondo seus limites e entranhas. Glorificamos quando Macron “assumiu” que o neoliberalismo teria falhas. Será que essa saída do armário do modelo

¹ Uma versão deste texto foi publicada em minha página no site *Medium*.

² «Não sou freira nem sou puta». Sou uma bixa e ponto. Minhas circunstâncias: ser bixa. Fora isso, nada. Para além disso, bixa. Menos que bixa: doutoranda e mestra em letras: linguagens e representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Bacharela em direito pela mesma instituição. Advogada. Integrante do grupo de estudo «O espaço biográfico no horizonte da literatura homoerótica» (GPBIOH).

neoliberal equivaleria a sua autodeclaração de estágio final? Não posso esquecer de leituras, menos otimistas, mas que ainda assim apontam para uma renovação da potência revolucionária. A crise teria forçado os estados neoliberais a tomarem medidas radicais, impensáveis até pouco tempo. Medidas que facilmente passariam como “comunistas”, como o auxílio emergencial. Há quem acredite, ou melhor, por enxergar mais longe, consiga visualizar com clareza que, passada a crise, tal medida transformar-se-á numa renda básica universal. Veja que é uma oração sem sujeito (sujeito da luta).

Ainda nessa linha interpretativa, com algumas diferenças, há quem reclame uma ação voluntarista. Essa leitura é mais complexa, pois faz um diagnóstico: constata-se uma diferença estrutural no gerenciamento da crise no ocidente e no oriente (asiático). Contudo, esse diagnóstico serve como instrumento decisório apenas. Projetam-se duas possibilidades de futuro: mais controle social ou falência do neoliberalismo. As cartas estão postas na meça, cabe a você decidir. Nossas decisões de agora teriam o peso de determinar o futuro da humanidade. Vejam que esta postura aponta para uma história global tomada como projeto linear, uma história de continuidades. O presente é o ponto de ligação entre o passado e o futuro.

O primeiro grupo, daqueles que oferecem um diagnóstico do presente, não me incomodava de início. Pensava que era o mais plausível a se fazer. É preciso fugir do messianismo. Em relação aos messiânicos, pensava: “Quem somos nós, ou melhor, quem são vocês, meros nomes escritos em folhas ou digitados em sites, para nos dizer o que fazer, como sentir, como ser afetado, como lidar, o que esperar dos tempos pós-Covid?”. Tomava partido, então, pelos diagnósticos que ousavam superar a tentação de prever o pós-Covid, bem como a de desenhar projetos coerente de ação que deveríamos seguir, implícita ou explicitamente.

Porém, com a rotina drasticamente afetada, vivendo na periferia de um pequeno bairro rural universitário, numa cidade do interior do Nordeste, percebi que vocês também me incomodavam. “Quem são vocês para me dizer o que é o presente?” Qual a legitimidade desses intelectuais que se arrolam no direito de me dizer o que estou vivendo? Ainda mais quando penso que há, de veras, uma diferença abissal entre a pequena casa quarto e cozinha na qual moro, numa rua sem asfalto e sem encanamento, rodeado de igrejas e bares, com uma população que não pode ficar em quarentena e seus belos escritórios aconchegantes e climatizados.

De repente, já sabia o que deveria me incomodar em suas análises do presente. Claro, como não vi antes? Lembrei do meu antigo *game boy*, talvez tenha lembrado porque acabei de assistir “Jonas”, de Christophe Charrier. Aquele videogame jurássico que tinha basicamente um jogo: o tetris. Nesse jogo eletrônico soviético, que foi muito popular até os anos 2000, o objetivo é empilhar tetraminós que descem sem parar, formando linhas horizontais que desaparecem.

Como cada tetraminó tem um formato, o jogador precisa fazer um malabarismo para completar as linhas, evitando assim que uma pilha de peças se forme e chegue ao topo da tela, o que acarretaria *game over*.

Se antes, a respeito de tais análises — os diagnósticos — eu debatia sobre a coragem em dizer a verdade (como atitude ética e não como enunciado), ainda que correndo o risco de serem “cancelados”, como alguns de fato foram acusados de defenderem o fim da quarentena; agora, eu só conseguia enxergar, com minha limitada visão, como esses diagnósticos sustentavam um modelo tetris de análise. Ou seja, como não havia nada de novo (será?). Eles estavam apenas aplicando suas teorias antigas, buscando “encaixar” uma singularidade numa moldura teórico-analítica que não foi desenhada para este evento. Esquecem-se que só há a priori histórico, singularidades e eventos não-factuais. Não há dimensões absolutas. Esquecem-se, penso eu, que não há Universal, Racional e Adequação.

Como jogadores de tetris, esses pensadores tentam encaixar a “peça da vez” num jogo pré-moldado, pré-formado... joga a peça para direita, joga para esquerda, vira, torce, pronto, talvez sirva. Busca-se tão somente manter a coerência com seus escritos anteriores, garantindo unidade autoral. Não ousaram inquirir “como esta singularidade reclama deslocamentos em nossas teorias?”. No mais das vezes, não refletiram sobre os acontecimentos, apenas pensaram: “como minha teoria explica isso?” Ou, mais absurdo: “como minha teoria explica o pós-isso?”. Alguns poderiam indagar: “Mas as teorias não servem para explicar as singularidades, não são como ferramentas?” Recorrendo a esta velha e batida metáfora, digo: sim, não, talvez!

Um martelo só é útil quando martelamos? Ledo engano. A utilidade do martelo não repousa em sua martelidade, mas naquilo que podemos fazer dele. Se o utilizo como peso de porta, não tenho mais um martelador, apenas. Posso ainda utilizá-lo como item decorativo numa parede rústica ou até como dildo. A utilidade de uma ferramenta não é ela em si, mas o que podemos fazer dela. Não é o evento que deve ser torcido para caber na minha teoria de estimação, nem muito menos ela deve explicar tudo (incluindo o pós-tudo)... Como já disseram muitos, as teorias não suportam o passar das eras.

Certa vez, ouvi incrédulo de um foucaultiano: “Deleuze não entendeu Foucault, ele fez torções nas ideias foucaultianas para oxigenar seu sistemático pensamento”. Se isso foi assim, é como Deleuze que devo me comportar: fazendo torções nas teorias, vendo o que posso fazer delas, de modo que não mais terei apenas o martelo. É este choque-tensão, reconhecendo os limites das nossas velhas teorias, que podemos nos avizinhar dos eventos de agora, sem desprezar sua singularidade, sua não-facticidade, escapando, sempre que possível, do messianismo e da adequação.

O que ainda podemos falar sobre o Covid? Diante de uma ebulição discursiva, parecemos que tudo já foi dito. Entretanto, podemos perguntar: Dito por quem? Para quem? Dizeres aceitos ou rejeitados por qual ou quais públicos? Há análises para todos os gostos e desgostos. Ótimas análises, boas previsões. Contudo, o óbvio escapa. Escapa porque em vez de torcermos as teorias, oxigenando-as, colocando-as em suspeita, torcemos o evento. O Covid precisa caber no marxismo, dirão alguns. E no foucaultianismo. Não esqueçam do psicanalismo. Parece que reclamam a completude da visão. Ou seja, a disputa é saber quem consegue enxergar melhor o evento, qual lente é mais “hype”.

Aqui, perto de fechar este pequeno desabafo, sou tentado a fazer uma microanálise específica do Covid. Afinal, quem, além de mim, poderia melhor diagnosticar o presente que vivo? Se não eu, quem? Esta análise não foi gestada no conforto de um escritório, numa bela casa no campo, mas sim no caos barulhento da vida daqueles que são a escória do mundo, é uma análise que não tem na cabeça sua metaforizada beleza. Análise que tem no cu, este órgão-tecido-orifício desprezado, esquecido, sua potência dionisíaca. Se eles raciocinam com a cabeça, nós, a lama do mundo, só temos o cu para pensar.

Nas últimas semanas, recebi uma dezena de mensagens, em quase todas as redes sociais, a respeito do coronavírus como castigo divino. Vi notícias sobre pastores, rabinos e padres afirmando que o vírus seria uma resposta de deus (aquele ser vingativo do velho testamento) aos pecados e imoralidades cometidos pelas bixas. Numa dessas mensagens, chegava-se a enumerar nossos pecados: transsexual que se caracterizou de Cristo na parada LGBT, beijo gay em novelas, kit gay, mamadeira de piroca, ideologia de gênero, indução homossexual de crianças, filme do Porta dos Fundos com Jesus gay, sexo gay nas ruas de São Paulo no carnaval (há sim amor em SP, pelo menos isso)...

Será que agora, mais do que nunca, precisamos de um bode expiatório? Alguém para culpar pelo mal que nos consome? Alguém para desviar o foco da maior crise político-econômica, sanitária e social que já enfrentamos? Alguém para distrair a opinião popular a respeito do mal gerenciamento administrativo da crise? Alguém capaz de nos desresponsabilizar, ao mesmo tempo que reatualiza a emergência e necessidade da moral cristã, num projeto cujo intuito é restabelecer a autoridade da pastoral? Diante do fracasso do modelo médico-esportivo, no fim de contas o vírus não afeta apenas idosos e pessoas doentes, como foi massificamente propagado, é preciso buscar uma justificativa ubuesca para o mal que nos assola. De preferência uma que reative a autoridade da religião cristã e que ataque as práticas sexuais dissidentes.

Inevitavelmente, pensamos na construção do “câncer gay”. Contudo, devemos resistir a esta tentação. O modelo médico-moralizante colocado em funcionamento durante a crise do HIV-AIDS não funcionaria na atualidade, não como outrora. A construção de um *coronagay* não pegaria, obviamente. Os eventos são outros. As narrativas também. Em comum, apenas uns rabiscos em torno do pânico sexual.

Desde 2011, com o julgamento do STF sobre a possibilidade de união estável e casamento entre pessoas não-heterossexuais, desdobra-se, num campo de visibilidade amplo, uma cruzada moral e religiosa contra sujeitos desviantes da cis-heteronormatividade. Uma plataforma grotesca de ridicularização ganha popularidade, ainda que não tenha aqui sua origem. Políticos, religiosos, pseudointelectuais e cartomantes vão das redes às ruas clamar por respeito e proteção à família, à religião cristã e às crianças. Acusam o Estado de negligência. Sentindo-se “inseguros”, afirmam que o pacto social fora desrespeitado. Daí, ladeira abaixo. Algumas outras decisões judiciais são tomadas em favor das bixas, uma ou outra migalha é jogada (ou apenas cai) da mesa petista... Pronto, estamos numa ditadura *gayzista*, afirmam.

Lógico que sabem que nada disso é real. Manipulam e produzem o medo como forma de legitimação da autoridade. Há uma gestão do medo, da esperança e do pânico. Por isso, a figura da criança desprotegida é tão eficaz. A criança metonimiza o corpo da família, que metonimiza o corpo da nação. Dessa forma, por escala, se a criança está em risco, é a nação que se encontra ameaçada. Penso isso como a emergência de uma política de medo, ou melhor, como uma *deimopolítica* (deimos = deus do pânico, irmão gêmeo do medo). Essa estratégia circularia, pelo menos, desde 1930, com o integralismo no Brasil. Alguns livros como o de Octávio de Faria, *Machiavel e o Brasil*, de 1931, culparam a homossexualidade/feminilidade pela ameaça da revolução comunista que se avizinhava no Brasil. Outro conhecido integralista, Gustavo Barroso, partilhava dessa ideia, em seu livro *Judaísmo, maçonaria e comunismo*, de 1937, cujo conteúdo alerta para esta agenda de dominação comunista com atuação dos homossexuais. Regularidade também presente no macarthismo norte-americano de 1950–1957. Mas não estamos aqui para buscar origens, como disseram alguns franceses, as origens são raramente belas... fiquemos com a epigênese.

O inimigo é ficcionarizado (imaginarizado) como aquele que amedronta, coloca-nos, enquanto espécie, em risco (re)produtivo. O futuro da espécie depende da (re)produção. Aqueles que não (re)produzem colocam em risco nossa continuidade biológica. Egoisticamente, por pura safadeza, quebram o contrato. Na bíblia, condena-se práticas não (re)produtivas: masturbação masculina, sexo anal e homossexual. Desperdício da semente (re)produtiva. Em defesa da sociedade, medidas mortíferas devem ser tomadas.

Lógico que o sentimento de pertencimento faz-nos repudiar o aniquilamento daquele que reconhecemos como minimamente humanos. Incidindo aí práticas *deimopolíticas* de mutilação: fazer minguar a carne. Retirar aquilo que permite que haja resíduos de humanidade, aquilo que nos provoque sensibilidade. Antes da crucificação, Cristo precisou ser mutilado, animalizado: para que não houvesse remorso, seu corpo precisou tornar-se transparente, do corpo à carne.

A espécie, aqueles que estão em risco, amedrontados, é produzida como frágil. Desarmados, afinal, confiaram na sociedade civil, depuseram suas armas. Precisam de proteção. A criança é, assim, a metáfora da sociedade. Metonimicamente, a criança é a nação. Seu futuro, sua continuidade biológica. Por isso, os inimigos sexuais (não reprodutivos) e morais (devassos e pervertidos) são duplamente perigosos. Colocam em risco o futuro: não (re)produzem (obrigação cívica) e corrompem as crianças com seu estilo bárbaro e animalesco de vida: a busca emocional\instintiva por satisfação primária (gozo). Esses seres não merecem confiança. Não possuem identidade, não são homens, nem mulheres (Herculine Barbin), sua descendência só poderia ser monstruosa (Frankenstein), carregam a maldição divina (Drácula), traidores da família (Pierre Rivière), da nação (Švejk), não merecem compaixão.

Nuances deste paradigma de governmentamento pelo medo podem ser vistas nesta especificidade do Covid, a partir das mensagens que circulam responsabilizando as bixas pelo castigo divino. Quando tais imagens se movem, produzem um bode expiatório, um culpado pelo mal que nos assola. É como se dissessem: vejam, estamos morrendo porque fomos tolerantes, aceitamos passivamente a devassidão. Por aceitar, somos agora punidos por deus.

A questão do futurismo biológico (re)produtivo coloca certa centralidade no inimigo moral e sexual. Não é qualquer inimigo que tem o poder de ameaçar o futuro da espécie. Há, nessas mensagens, um recurso linguístico interessante: narram-nos como animais: não falam homossexuais ou LGBT, falam bichas, viados... Dizer bicha (verme), viado é dizer não-humano. Faz parte da transmutação do corpo à carne.

Sim, aqui segue mais uma análise sobre o Covid, um pouco messiânica, um pouco tetris... Quem resistirá a tentação de dizer a verdade sobre o vírus?

Ilhéus-BA, 03 de maio de 2020.